

SOBRE UMA RECENSÃO ESTRANHA NA FORMA DE VIDA

Joshua Landy

Imagine, por cortesia, o seguinte cenário: dois académicos vão ao ginásio juntos. Ela é fanática do fitness e conhece todos os aparelhos e todos os treinadores. Ele, por contraste, nunca entrou num ginásio na sua vida. Vendo todo aquele equipamento estranho, o neófito pergunta à amiga, «o que devo eu aprender com tudo isto?»

«Aprender?» responde ela. «Não é suposto que aprendas seja o que for. É suposto que fiques em forma.»

«Aha,» diz ele, «apanhei-te! Aquilo que se aprende é que é suposto ficarmos em forma. Agora podemos ir para casa.»

Espero que este diálogo vos pareça tão bizarro como me parece a mim. É possível, suponho, que haja algumas pessoas no mundo incapazes de imaginar que seja o que for tenha alguma função para além da de emitir algum género de mensagem. Mas, felizmente para o resto de nós, existem no mundo muitos géneros de coisas assim. Um gelado não emite qualquer mensagem; é apenas delicioso. Os comboios não emitem qualquer mensagem; apenas nos transportam aonde precisamos de ir. Aparelhos de ginásio não emitem mensagens; apenas nos ajudam a ficar em forma.

Até semióticos da linha dura, que provavelmente encontrariam alguma maneira de ver uma mensagem naqueles fenómenos (e.g. «os

comboios simbolizam o compromisso ostensivo do governo com o ambientalismo») ver-se-iam forçados a admitir que tal não é a única função de comboios, aparelhos de ginástica ou gelados, nem, de facto, a principal função de comboios, aparelhos de ginástica, ou gelados. A sua função primária não é a de dizer alguma coisa; é a de fazer alguma coisa.

Isto deveria ser óbvio, mas, aparentemente, não é. Publiquei recentemente um livro intitulado *How to Do Things with Fictions*, no qual defendo que certas obras literárias servem como campo de treino para os seus leitores. De maneiras diferentes, sugeri nesse livro, estas obras encorajam-nos a realizar certas actividades mentais, e recompensam-nos, se as realizarmos, aumentando a nossa perícia numa dada área. O *Górgias* de Platão, por exemplo, permite-nos treinar a capacidade de detectar e corrigir falácias lógicas, apurando, desse modo, as nossas capacidades enquanto filósofos; ficções autorreflexivas habituam-nos a adoptar uma atitude dividida em relação a um dado estado de coisas, facilitando-nos assim a possibilidade que manter ilusões optimistas sobre a vida; e por aí em diante. Do mesmo modo que diferentes aparelhos de ginástica nos ajudam a tonificar músculos diferentes, determinados textos (e grupos de textos) permitem-nos afinar capacidades mentais diferenciadas.

Imagine, pois, a minha surpresa, ao encontrar, ao abrir um número recente da *Forma de Vida* , a seguinte declaração acerca do meu livro: «Sobre essa questão propriamente dita — a questão sobre as coisas que fazemos com ficções — o livro diz-nos muito pouco, nem sequer o que ele, Landy, fez com as ficções de que fala. Em vez disso, descobrimos que o livro é, de facto, sobre o que certos textos querem dizer.» É difícil saber como responder a uma coisa deste género; seria como Kant responder à alegação de que os seus livros nunca usam a palavra «razão». Bastará dizer que menciono as capacidades de (1) detectar falácias, em Platão (ver acima); (2) detectar padrões, em Mallarmé; (3) acreditar e duvidar simultaneamente, em espectáculos de ilusionismo; (4) justapor argumentos e contra-argumentos, em Beckett; (5) acompanhar informação social, em Austen; (7) dominar a linguagem própria de parábolas, com base no Evangelho segundo Marcos; e, além destas, muitas outras capacidades. Isto refere-se não somente àquilo que fiz, pessoalmente, com estas obras; mas também àquilo que, segundo defendo, explicitamente, deve ser feito com cada uma destas obras. E em cada um destes casos, o que se passa é diferente de extrair um significado.

Na realidade, reconheço que é necessário não perder de vista o nível semântico de um texto para sabermos aquilo que ele pretende de nós. Tal é, no entanto, como defendo no livro, meramente instrumental. Recorde-se o exemplo pelo qual começámos: é, de facto, necessário saber que aparelhos de ginástica são benéficos para os seus músculos, e que não funcionam a não ser que os use, mas tal conhecimento é absolutamente inútil se permanecer no sofá a ver televisão. (É aliás muito fácil obter tal informação, e dificilmente se imagina que alguém não a possua antes de entrar num ginásio.) Aqui, de maneira similar, o leitor poderia decerto ver nos textos de Platão a emissão de uma mensagem, de acordo com a qual é bom detectar falácias, mas esta informação é absolutamente inútil a não

ser que façamos alguma coisa a esse respeito. E o verdadeiro sentido dos diálogos (do período transicional) de Platão é o de nos conduzir a fazer esse trabalho. Aquilo que, fundamentalmente, pretendem de nós é uma actividade, não aprendizagem. Uso, não compreensão. Levantar os pesos, não apenas pensar a respeito deles.

O que dizer, então, acerca da alegação, na recensão, de que «na verdade, não há propriamente uma dicotomia proposta por Landy entre o sentido (que aparentemente ataca) e o uso (que defende); o seu argumento é o de que existe uma maneira de ler certas ficções, e portanto ‘fazer com’ inclui-se na ideia geral de ‘sentido’.»? Não sei que dizer, em parte por não compreender como pode o uso ser considerado sequer uma subcategoria do significado. (Imagine que alguém lhe diz, «sim, estás a usar esse martelo para espetar um prego, mas isso é apenas um modo especial de ele te enviar uma mensagem».) Posso afirmar, pelo menos, que, de facto, proponho no livro uma dicotomia entre significado e uso. O autor da recensão pode não gostar dela, mas tal não é razão para alegar que ela não existe.

Talvez se trate de uma confusão da sua parte, que o levou a fazer uma terceira alegação surpreendente a respeito do meu argumento. Notando que eu — como muitos teóricos — parto do princípio de que obras literárias exigentes incluem pistas acerca do seu uso adequado (aquilo a que algumas pessoas chamam um «manual de leitura»), o autor da recensão ataca a própria noção de instruções: «Como as encontro? Com as instruções. Assim não vamos longe.» Mas, uma vez mais, considere-se o ginásio, no qual vários aparelhos de ginástica apresentam instruções em letra impressa. Estas instruções explicam como usar os aparelhos, e não a ler as instruções. Não precisamos das instruções para compreendermos as instruções; precisamos delas para saber como levantar os pesos. Da mesma maneira, as obras de que falo contêm pistas ao nível do conteúdo que devem ser usadas para uma actividade mental ao nível da forma. Não é preciso o

manual para se perceber o manual, uma vez que o manual é um guia para o uso, não um guia para a compreensão.

Estas foram as minhas primeiras três surpresas ao ler a recensão da *Forma de Vida*. A quarta, porém, superou todas as anteriores. O meu livro, segundo aprendi, nunca chega a especificar realmente as capacidades que são treinadas. «Nunca é muito claro no livro de Landy quais são exactamente estas habilidades, mas percebemos que têm que ver com capacidades de interpretação ou de relacionar ideias (ou o muito vago ‘saber pensar’)». Esta é uma alegação particularmente bizarra, visto que, de facto, enumero, em lista, diversas capacidades altamente específicas, poucas das quais têm muito que ver com capacidades interpretativas. Nessas capacidades, estão incluídas (1) a capacidade de manter as próprias ilusões; (2) a capacidade (do cepticismo antigo) de identificar e desdobrar argumentos opostos; (3) a capacidade de lidar com informação social (à la Lisa Zunshine); (4) a capacidade de olhar criticamente para o que encontramos no mundo social ambiente (à la Brecht); (5) o manuseio (passivo e activo) de discurso figurado; e (6) a capacidade de manter múltiplas hipóteses em jogo.

Quanto a «aprender a pensar», essa é, de facto, a formulação que uso na introdução, mas qualquer leitor que chegue até ao capítulo sobre

Platão verificará que ela se vai tornando consideravelmente mais aguda: aí a encontrará analisada em (1) detecção de contradições internas; (2) detecção da falácia do meio não distribuído; (3) detecção de um *reductio ad absurdum* potencial; e, por extensão, a detecção e rectificação de outras falácias lógicas específicas. É isto realmente «muito vago»? Se for esse o caso, não sei o que poderia eu (ou qualquer outra pessoa) ter dito para o tornar mais distinguível.

Devo confessar que dizer tudo isto me faz sentir algo embaraçado. Sinto-me absolutamente grato por todas as recensões que recebi ao longo dos anos; positivas ou negativas, aprendi bastante com elas e nunca, até hoje, respondera a qualquer uma. Neste caso, porém, pareceu-me sentir algo diferente: não tanto uma recensão do meu livro, mas antes uma tentativa deliberada de o rescrever numa versão mais fraca, ou, na melhor das hipóteses, um objecto académico excepcionalmente tíbio. (Do meu ponto de vista, podemos ser um pouco descuidados se estivermos a ser simpáticos, mas não se atacarmos a jugular.) Espero, assim, que os meus leitores me perdoem se disser, como a fanática do fitness inicial, «é possível que não estejas a perceber; agora, senta-te no aparelho e começa a levantar pesos».